



**Escola de Ciências Sociais e Humanas**

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Diferenças na comunicação de estereótipos numa língua nativa e  
numa segunda língua

Ana Carina Moniz Freitas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia Social e das Organizações

Orientadoras:

Professora Doutora Margarida Vaz Garrido, Professora Associada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Magda Saraiva, Investigadora de pós-doutoramento  
Centro de Investigação e Intervenção Social - ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019





**Escola de Ciências Sociais e Humanas**

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Diferenças na comunicação de estereótipos numa língua nativa e  
numa segunda língua

Ana Carina Moniz Freitas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia Social e das Organizações

Orientadoras:

Professora Doutora Margarida Vaz Garrido, Professora Associada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Magda Saraiva, Investigadora de pós-doutoramento  
Centro de Investigação e Intervenção Social - ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019



## **Agradecimentos**

Este trabalho representa o final de um ciclo. O culminar de um ano de muito trabalho, recheado de momentos bons e de outros menos bons. Todos eles importantes para o meu crescimento pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Margarida Vaz Garrido. As palavras não são suficientes para agradecer todo o acompanhamento, apoio e persistência. Sem a sua orientação não teria sido possível atingir este marco no meu percurso. Obrigada por não desistir de mim.

Um agradecimento especial à Doutora Magda Saraiva pelo acompanhamento e orientação. O seu papel foi fundamental para a conclusão deste ciclo.

Um enorme obrigada aos meus pais e à minha irmã que sempre me apoiaram independentemente das adversidades, que me consolaram nos dias menos bons, que me ouviram quando precisei e que, apesar da distância, fizeram todos os possíveis para que me sentisse em casa.

A toda a restante família que me apoia e se preocupa, e aos meus amigos de sempre, Pedro, Sílvia, Aninhas que me acompanharam em todos os momentos importantes. Vocês sabem o quanto vos agradeço e o quanto são importantes para mim.

A todas as pessoas que conheci durante este percurso. Um especial obrigada à Catarina e à Raquel, sem vocês não teria conseguido. Este ano foi repleto de desafios e de emoções, vocês ajudaram-me a ultrapassar as dificuldades e acreditaram em mim, mesmo quando duvidei.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram na recolha dos dados, quer através do preenchimento quer através da divulgação do questionário.

A todos um VERDADEIRO OBRIGADA!

## Resumo

O presente trabalho explora as diferenças entre uma primeira (L1) e uma segunda língua (L2) no processo de percepção social. Especificamente, examinam-se as consequências de enviesamentos linguísticos na transmissão e manutenção de estereótipos. A investigação evidência a existência de diferenças entre L1 e L2, nomeadamente ao nível da intensidade emocional, com consequências documentadas no processo de tomada de decisão e julgamento moral. Com este trabalho exploramos experimentalmente a extensão destas diferenças à manutenção e à transmissão de estereótipos com recurso às propostas e paradigma do *Linguistic Expectancy Bias* (LEB). Para tal os participantes (N=216) avaliaram um conjunto de textos descrevendo comportamentos de um alvo social que, em função da sua consistência com a expectativa acerca desse alvo, variavam em termos de abstração linguística. A tarefa dos participantes era determinar as causas (disposicionais ou situacionais) dos comportamentos apresentados. A tarefa era realizada em L1 ou em L2 consoante a pontuação obtida previamente num teste de diagnóstico de inglês. Como principais hipóteses procurámos replicar o LEB, pela primeira vez na língua portuguesa, e a sua extensão a uma segunda língua. Os resultados mostraram que os enviesamentos linguísticos que contribuem para a manutenção de estereótipos sociais numa língua nativa também se observam numa segunda língua. Embora a literatura indique que L2 seja menos emocional e promova decisões mais racionais, o presente trabalho mostra que a nível de percepção social essas diferenças não se verificam. Assim, as estratégias linguísticas podem conduzir à manutenção e transmissão de estereótipos sociais independentemente da língua que é utilizada.

**Palavras Chave:** cognição social, estereótipos, bilinguismo, linguagem

Códigos de classificação da APA:

**2340** Cognitive Processes

**2720** Linguistics & Language & Speech

**3000** Social Psychology

**3040** Social Perception & Cognition

## Abstract

The present work examines whether the differences between a native (L1) and a second language (L2) extend to social perceptions. Specifically, we examine the consequences of linguistic bias in stereotype maintenance and transmission. Previous research evidence the differences between L1 and L2, namely in emotional intensity, with consequences for decision-making and moral judgments. In this work we experimentally explore the extension of these differences to the maintenance and transmission of stereotypes in line with the proposals and the paradigm used to study the *Linguistic Expectancy Bias* (LEB).

To this end, participants (N=216) were asked to evaluate a set of texts describing behaviors of a social target that, depending on their consistency with the expectation about that target, varied in terms of linguistic abstraction. Participants' task was to determine the causes (dispositional or situational) of the behavior presented. The task was completed in L1 or L2 based on a previous score obtained in an English diagnostic test. The main hypotheses tried to replicate the LEB, for the first time in Portuguese, and its extension in the second language. The obtained results indicate that the linguistic factors that contribute to the maintenance of social stereotypes in a native language are also observed in a second language. Although the literature indicates that L2 is less emotional and promotes more rational decisions, the present work shows that in context of social perception those differences are not observed. This implies that language strategies can lead to stereotype transmission and maintenance regardless of the language used.

**Key Words:** social cognition, stereotypes, bilingualism, language

Códigos de classificação da APA:

**2340** Cognitive Processes

**2720** Linguistics & Language & Speech

**3000** Social Psychology

**3040** Social Perception & Cognition

# Índice

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: ESTADO DA ARTE .....</b>	<b>3</b>
<b>Comunicação em L1 e L2.....</b>	<b>3</b>
<b>Linguistic Expectancy Bias (LEB) .....</b>	<b>5</b>
<b>Objetivos e Hipóteses.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>10</b>
<b>Método .....</b>	<b>10</b>
Participantes.....	10
Instrumentos.....	10
Procedimento .....	12
<b>Resultados.....</b>	<b>13</b>
Verificação da Manipulação .....	13
Testes às hipóteses .....	13
<b>CAPÍTULO III: DISCUSSÃO GERAL.....</b>	<b>16</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

A vida humana não seria concebível sem comunicação, seja ela através de expressões faciais, postura corporal, gestos, ou através da linguagem.

A comunicação através da linguagem é utilizada para expressar sentimentos e pensamentos, para tomar decisões, para falar com amigos, para negociar, para persuadir e convencer outros, para inquirir e para discriminar. Porém, este processo comunicativo é por vezes contaminado por enviesamentos linguísticos, nomeadamente os associados à transmissão e à perpetuação de estereótipos (e.g., Maass, Salvi, Arcuri, & Semin, 1989; Wigboldus, Semin, & Spears, 2000).

Por outro lado, num mundo a cada dia mais globalizado, onde as distâncias e as diferenças são atenuadas pela utilização de uma linguagem comum, as pessoas tendencialmente leem, ouvem e transmitem informação em outras línguas que não a nativa (Azevedo, 2016). Por exemplo, no contexto português, a língua inglesa está presente no dia a dia, quer em marcas e produtos, música, e filmes, quer no contexto profissional onde se desenvolvem cada vez mais projetos com equipas e para clientes sediados fora do país de origem. O mesmo acontece no contexto académico onde se espera que a leitura e comunicação da ciência sejam muitas vezes realizadas com recurso a uma segunda língua.

No entanto, a experiência, o processamento e a compreensão da informação numa segunda-língua (L2) é diferente do que numa primeira-língua (L1) e estas diferenças têm consequências para as escolhas, julgamentos e decisões (e.g., Costa, Vives, & Corey, 2017). Estas diferenças têm sido observadas ao nível do processamento emocional, constatando-se que a comunicação em L1 é emocionalmente mais intensa do que em L2 (e.g., Caldwell-Harris, 2015; Pavlenko, 2012). Uma possível explicação avançada para estas diferenças fundamentam-se no facto de L1 ser geralmente adquirida em contextos familiares, emocionalmente mais intensos e que oferecem maiores oportunidades de condicionamento sensorio-motor, enquanto L2 tende a ser adquirida em contextos emocionais mais neutros como por exemplo a escola (e.g., Pavlenko, 2008). Por outro lado, a literatura sugere também que as diferenças de processamento de informação entre L1 e L2 se devem a uma maior distância psicológica em L2 o que aumenta o nível de abstração nesta língua (e.g., Fujita, Henderson, Eng, Trope, & Liberman, 2006; Hayakawa, Costa, Foucart, & Keysar, 2016).

Neste trabalho exploramos a possibilidade das diferenças entre L1 e L2 se estenderem à percepção social, nomeadamente à comunicação de estereótipos. Atendendo a que estas diferenças se podem ancorar em elementos integrantes da própria linguagem, utilizámos a proposta e o paradigma avançado por Wigboldus et al. (2000) no âmbito do *Linguistic Expectancy Bias* (LEB), ou seja, a constatação de que comportamentos consistentes com a expectativa acerca de um alvo social e descritos com um maior nível de abstração linguística originam mais inferências disposicionais do que comportamentos inconsistentes com a expectativa, que são descritos com um menor nível de abstração e originam mais inferências situacionais. Neste contexto, explorámos se este efeito também se observa numa segunda língua.

Numa primeira secção apresenta-se uma breve revisão de literatura acerca das diferenças entre L1 e L2. Seguidamente descrevem-se as principais propostas e evidência empírica obtidas no âmbito do LEB. Na secção seguinte é apresentado um estudo experimental e os respetivos resultados. Finalmente, na última secção, discutem-se os principais resultados, apontam-se algumas limitações assim como pistas de investigação futura.

## CAPÍTULO I: ESTADO DA ARTE

### Comunicação em L1 e L2

A experiência, o processamento e a compreensão da informação em múltiplas línguas varia e pode influenciar a comunicação (e.g., Garrido & Prada, 2018). É já vasto o conjunto de evidência empírica que documenta as diferenças entre L1 e L2.

Por exemplo, observou-se que os indivíduos falam durante mais tempo sobre tópicos embaraçosos quando o fazem numa segunda língua, o que permite um maior distanciamento emocional do tópico abordado (Bond & Lai, 1986). Gonzalez-Regiosa (1976) mostrou também que os participantes apresentam maiores níveis de ansiedade perante palavras consideradas *taboo* apresentadas em L1 do que em L2. Na mesma linha, participantes de nacionalidade polaca a quem foi pedido que traduzissem insultos étnicos do inglês para o polaco produziram insultos menos ofensivos do que o texto original enquanto que os insultos traduzidos para inglês eram mais ofensivos do que os do texto original (Gawinkowska, Paradowski, & Bilewicz, 2013). Nestes estudos os participantes bilingues reportam também que é mais fácil ofender membros do exogrupo em L2, isto porque ao utilizar L2 estão mais isentos de constrangimentos sociais implícitos nas palavras utilizadas.

Numa outra linha de estudos, Marian e Kaushanskaya (2008) examinaram a intensidade emocional de memórias autobiográficas e observaram que bilingues russo-ingleses utilizavam um maior número de palavras emocionais negativas em L2 para descrever a sua experiência de imigração. Tais resultados foram explicados pelo facto de L2 ter uma menor intensidade emocional pelo que é necessária a utilização de um maior número de palavras do que em L1, para descrever a mesma experiência emocional. Colbeck e Bowers (2012) compararam o processamento de palavras emocionais em nativos chineses e em nativos ingleses através de uma tarefa de atenção apresentada em língua inglesa. Os autores concluíram que os participantes nativos de inglês apresentaram um pestanejar mais forte após um distrator *taboo*, enquanto os nativos chineses que tinham o inglês como L2 apresentaram um pestanejar menos intenso, consistente com a capacidade de ignorar mais facilmente o distrator *taboo*.

Estes e outros estudos sugerem a existência de diferenças no processamento emocional entre L1 e L2, nomeadamente que a comunicação em L1 é emocionalmente mais intensa do que em L2. Tais diferenças podem ter origem no contexto de

aprendizagem normalmente associado a uma língua-nativa e a uma segunda língua. Sabe-se que a linguagem se desenvolve ao mesmo tempo que os mecanismos de regulação emocional (Bloom & Beckwith, 1989), pelo que possivelmente as frases aprendidas durante a infância têm ligação ao sistema emocional (Caldwell-Harris, 2014). Especificamente, o contexto familiar no âmbito do qual é L1 é aprendida está associado a um conjunto de emoções.

Numa linha de estudos diferente, Keysar, Hayakawa, e An (2012) estudaram o processo de tomada de decisão em L1 e L2. Este processo envolve dois mecanismos, um sistemático e analítico e outro intuitivo, afetivo e heurístico. Por um lado, o facto de L2 ser processada de forma menos automática do que L1 pode conduzir a um processamento mais deliberado (Favreau & Segalowitz, 1983), resultando em decisões mais sistemáticas. Por outro lado, em L2 existe um maior distanciamento emocional do que em L1 o que, consequentemente diminui a influência dos processos afetivos na tomada de decisão. Os autores observaram que os indivíduos em L2 recorrem a processos mais sistemáticos estando menos suscetíveis a viés no processo de tomada de decisão.

Na mesma linha de investigação, Costa et al. (2017) examinaram as diferenças entre L1 e L2 no processo de tomada de decisão, em particular ao nível dos julgamentos morais. Os resultados mostram que o processamento em L2 impele a mais escolhas utilitárias do que em L1. Por exemplo, quando apresentado o dilema do *trolley*, no qual salvar a vida de cinco pessoas envolve sacrificar a vida de outra, as pessoas apresentam maior predisposição para fazer esse sacrifício se o dilema for apresentado em L2 (e.g., Costa et al., 2014). Este efeito foi replicado em diferentes línguas nativas e estrangeiras e mostrou-se que não é restrito a idiomas ou culturas específicas.

Um outro estudo conduzido por Geipel, Hadjichristidis e Surian (2015) indica que as pessoas tendem a julgar transgressões morais de forma menos severa quando as transgressões são apresentadas em L2. Desta forma, embora em L2 o processamento da informação seja mais pobre, o processo de tomada de decisão é compensado pela redução do efeito da intuição, sendo mais ponderado e deliberado o que implica uma perspetiva mais objetiva da situação e uma interpretação mais abstrata do que em L1 (Costa et al., 2017).

Finalmente, Hayakawa et al. (2016) sugerem que o uso de uma segunda língua afeta as nossas escolhas e decisões, nomeadamente a forma como percebemos e agimos

em situações de risco. Os autores concluem que o risco tende a ser percebido como mais baixo e os benefícios mais elevados numa segunda língua. Uma possível explicação para estes resultados assenta no facto de o uso de uma segunda língua aumentar a distância psicológica, levando a um aumento do nível de abstração do construto. Num nível mais abstrato de construto, diferenças linguísticas superficiais na informação são menos salientes, o que aumenta a perceção dos benefícios em relação ao risco (Fujita et al., 2006; Hayakawa et al., 2016), conduzindo a decisões mais utilitárias em L2 (e.g., Costa et al., 2014). Este viés cognitivo na perceção de custos/benefícios em L2 ocorre devido ao aumento do nível de abstração do construto por comparação com L1, o que permite concluir que em L2 os indivíduos tendem a favorecer descrições linguísticas mais abstratas do que em L1 (Hayakawa et al., 2016).

Em conjunto, estas evidências sugerem que as diferenças entre L1 e L2 podem ser observadas em vários domínios e que se podem estender à perceção social, nomeadamente a enviesamentos linguísticos associados à manutenção de estereótipos e à sua transmissão, como explicaremos na seção seguinte.

### **Linguistic Expectancy Bias (LEB)**

O processo de comunicação é complexo e envolve o remetente, a mensagem e, conseqüentemente, a produção de palavras, a sua escolha dentro do léxico gramatical e semântico e a sua estrutura linguística, um recetor, um meio de comunicação, um contexto, uma intenção e um alvo social. No âmbito deste processo, salienta-se a importância e o impacto da relação remetente-recetor na comunicação, uma vez que esta relação regula as propriedades e conteúdos das mensagens transmitidas. Assim, não é possível reconhecer a profundidade e complexidade do processo de comunicação sem aceitar a sua componente social, tendo em conta que envolve a relação com o outro, a compreensão partilhada de significado e a forma com os indivíduos se influenciam mutuamente (Semin, 2000).

No entanto, mesmo reunidas todas estas condições, a informação que é transmitida sofre um processo de transformação desde que é emitida até ser recebida. Conseqüentemente, a comunicação de informações relacionadas com comportamentos de alvos sociais pode manifestar enviesamentos linguísticos subtis e sistemáticos que têm como consequência a transmissão e manutenção de estereótipos (Wigboldus et al., 2000).

Os estereótipos podem definir-se como julgamentos generalizados acerca dos indivíduos com base na categoria social em que se inserem. Os estereótipos surgem na infância e tendem a prolongar-se para a vida adulta (Balduş & Tribe, 1978). Uma vez que servem um propósito social, são comunicados, mantidos e transmitidos entre indivíduos, muitas vezes através de enviesamentos linguísticos (Wigboldus et al., 2000). A utilização de linguagem sistematicamente enviesada constitui assim um fator interpessoal na manutenção e transmissão de estereótipos.

O estudo das produções linguísticas em contexto social foi sistematicamente investigado por Semin e Fiedler (1988, 1991, 1992) no âmbito do *Linguistic Category Model* (LCM). Este modelo distingue quatro níveis diferentes de abstração que correspondem a quatro categorias de palavras distintas. Os verbos de ação descritiva são verbos que descrevem ações concretas de um evento observável (e.g., "A aperta a mão de B"). Os verbos de ação interpretativa descrevem ações com um início e fim definidos, no entanto, assumem uma interpretação que vai além da mera descrição do evento (e.g., "A cumprimenta B"). Os verbos de estado descrevem um estado emocional e não um evento específico (e.g., "A gosta de B"). Os adjetivos constituem a classe mais abstrata (e.g., "A é afável").

Neste contexto, Maass et al. (1989) propõem a existência de um enviesamento linguístico - *Linguistic Intergroup Bias* (LIB), que relaciona a abstração linguística com a pertença grupal do alvo descrito. A investigação realizada no âmbito do LIB mostra por exemplo, que um membro do endogrupo envolvido num comportamento desejável e um membro do exogrupo envolvido num comportamento indesejável são descritos com o mesmo nível (elevado) de abstração linguística (e.g., o membro do endogrupo é prestável e o membro do exogrupo é agressivo). Em contraste, um membro do endogrupo envolvido no mesmo comportamento indesejável e um membro do exogrupo envolvido no mesmo comportamento desejável são descritos com um baixo nível relativo de abstração linguística (e.g., o membro do endogrupo empurra alguém e o membro do exogrupo abre a porta a alguém).

A representação linguística do mesmo comportamento desejável ou indesejável de forma mais concreta ou mais abstrata transmite diferentes significados implícitos. Por exemplo, as descrições mais abstratas conduzem a generalizações acerca dos alvos de tais mensagens, uma vez que se focam em informações referentes ao agente. Pelo contrário, mensagens concretas conduzem à particularização do evento.

Esta perspectiva tem por base dois mecanismos. O primeiro refere-se à proteção do endogrupo. Em conformidade com a Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979) sabe-se que quando o endogrupo é ameaçado, o LIB é utilizado para manter uma imagem positiva mesmo na presença de evidências contrárias. O segundo mecanismo pressupõe que comportamentos consistentes com a expectativa assumem descrições abstratas ao contrário de comportamentos inconsistentes com a expectativa.

Os estudos de Maass e colaboradores (1995, 1996, 1998) mostram que alvos que se comportam de forma consistente com os estereótipos são descritos com um maior nível de abstração do que alvos que se comportam de uma forma inconsistente com os estereótipos. Este modelo tem sido muito utilizado no estudo dos estereótipos e relações intergrupais, nomeadamente através da relação sistemática observada entre o grau de abstração linguística e a pertença grupal dos indivíduos (Maass et al., 1989). Em resumo, esta investigação torna assim evidente que o uso da linguagem contribui de forma subtil, mas poderosa, para a representação de estereótipos, ou seja, para perceções positivas de membros do endogrupo e perceções negativas de membros do exogrupo (e.g., Wigboldus et al., 2000).

Os pressupostos do LIB sugerem que o enviesamento linguístico se baseia nas diferenças linguísticas de abstração atribuídos à desejabilidade dos comportamentos realizados por membros do endogrupo em comparação com membros do exogrupo. No entanto, Wigboldus et al. (2000) propõem considerar esta perspectiva num sentido mais lato – *Linguistic Expectancy Bias* (LEB). O LEB assume que um comportamento consistente com a expectativa é descrito com um maior nível de abstração do que um comportamento inconsistente com a expectativa, independentemente da pertença grupal do emissor (Wigboldus et al., 2000).

Por outro lado, e não obstante o modo como os comportamentos dos alvos sociais são descritos em função da sua consistência com as expectativas, outros estudos investigaram o tipo de inferências a que descrições mais abstratas ou mais concretas davam origem. Por exemplo, Semin e de Poot (1997) mostraram que a variação sistemática no nível de abstração da mensagem conduz os recetores a diferentes inferências relativas a atribuições causais (explicações situacionais e explicações disposicionais). Evidências preliminares para o papel mediador da abstração linguística na transmissão interpessoal de estereótipos foram obtidas por Ruscher e Duval (1998). Os autores demonstraram que as descrições de atributos incongruentes de membros do

exogrupo influenciavam as impressões dos recetores. No entanto este efeito foi mediado pela abstração linguística embora apenas para um dos dois diferentes estereótipos do exogrupo utilizados no estudo.

Wigboldus et al. (2000) conduziram assim um estudo que teve com objetivo analisar se as inferências que os indivíduos fazem a partir de informações produzidas pelo LEB são mediadas pelo nível de abstração linguística com que essas informações são descritas. Para tal, na primeira parte do estudo os autores pediram aos participantes que descrevessem exemplos de comportamentos estereotipicamente femininos e masculinos, desejáveis e indesejáveis referentes a um alvo feminino ou masculino. Essas descrições foram posteriormente codificadas seguindo o *LCM* (Semin & Fiedler, 1988) de modo a aferir o seu nível de abstração linguística. Na segunda parte do estudo, cada participante recebia e julgava quatro descrições geradas por outros participantes, na primeira parte do estudo. Para cada uma das descrições os participantes respondiam a um conjunto de questões cujo objetivo era analisar as inferências disposicionais geradas para cada uma delas. Os resultados revelaram que quando o comportamento era consistente com a expectativas (e.g., um alvo masculino a ter um comportamento estereotipicamente masculino ou um alvo feminino a ter um comportamento estereotipicamente feminino) as descrições eram mais abstratas do que quando o comportamento era inconsistente com a expectativa (e.g., um alvo masculino a ter um comportamento estereotipicamente feminino e um alvo feminino a ter um comportamento estereotipicamente masculino). Com este resultado, os autores replicaram o LEB. No que concerne à segunda parte do estudo, os autores concluíram que quando o comportamento do alvo é consistente com a expectativa (e descrito de forma mais abstrata) foram geradas mais inferências disposicionais do que quando o comportamento era inconsistente (e descrito de forma mais concreta) com a expectativa. Com este estudo, Wigboldus et al. (2000) concluíram que diferenças e variações subtis ao nível da abstração linguística na descrição de comportamentos estereotípicos, medeiam as inferências cognitivas que os indivíduos fazem acerca dos alvos.

### **Objetivos e Hipóteses**

Com base na literatura revista, o presente trabalho procura explorar as diferenças entre L1 e L2 no processo de percepção social, especificamente as consequências

comunicativas de informação linguisticamente enviesada na comunicação e manutenção de estereótipos sociais. Para tal, procuramos replicar conceptualmente Wigboldus et al. (2000; experiência 1; parte 2) e a sua extensão a L2.

Como principal hipótese prevemos que as diferenças na abstração linguística decorrentes da consistência entre a expectativa acerca do alvo e o seu comportamento deverão influenciar as inferências que o participante faz acerca do alvo. Por outras palavras, o maior grau de abstração envolvido na descrição de comportamentos consistentes com a expectativa deverá originar mais inferências disposicionais em comparação com descrições mais concretas desencadeadas por comportamentos inconsistentes que deverão promover mais atribuições situacionais (replicação de Wigboldus et al., 2000). Tanto quanto sabemos este efeito nunca foi demonstrado em português pelo que a sua obtenção reforça a generalidade desta proposta. Colocamos ainda como segunda hipótese a extensão deste efeito a uma segunda língua, explorando se L2 é permeável a estes enviesamentos em participantes bilingues. Finalmente colocamos como hipótese que L2 é menos sensível a informação situacional pelo que se esperam mais inferências disposicionais em L2 que em L1. Para reforçar o nosso argumento de que L1 é mais concreta e L2 mais abstrata utilizámos o *Behavior Identification Form* (BIF) desenvolvido por Vallacher & Wegner (1989), com objetivo medir diferenças individuais na descrição de comportamentos, isto é, se as descrições selecionadas são mais concretas ou mais abstratas. Colocamos como hipótese que em L2 serão selecionadas respostas mais abstratas do que em L1.

## CAPÍTULO II: ESTUDO EMPÍRICO

### Método

#### *Participantes*

Participaram neste estudo 216 indivíduos (161 do sexo feminino) falantes nativos de português europeu, com idades compreendidas entre os 18 e 64 anos ( $M = 28.22$ ,  $SD = 9.16$ ). Destes, 125 realizaram a tarefa em L1 e 91 em L2.

#### *Instrumentos*

De forma a garantir que os participantes dominavam a língua inglesa, foi administrado um teste de diagnóstico do nível de inglês, desenvolvido pela *Cambridge English, o Cambridge Assessment*<sup>1</sup>. Este teste é composto por 25 questões de escolha múltipla com três opções de resposta sendo que apenas uma é a correta. Cada resposta correta é cotada com um ponto.

O questionário com a tarefa experimental consistiu na apresentação de quatro textos que variam em estereotipicalidade e desejabilidade. Os textos apresentados narram comportamentos desejáveis estereotipicamente femininos (e.g., “No outro dia [o/a alvo] cumprimentou os amigos com abraços e beijos na cara.”), comportamentos desejáveis estereotipicamente masculinos (e.g., “[o/a alvo] pratica desporto, mais especificamente, joga futebol.”), comportamentos indesejáveis estereotipicamente femininos (e.g., “Uma vez [o/a alvo] discutiu com um amigo e no meio da discussão começou a chorar.”) e comportamentos indesejáveis estereotipicamente masculinos (e.g., “Num dia de verão, enquanto passeava com amigos [o/a alvo] fez xixi na rua.”). Estes textos foram construídos com base em descrições comportamentais obtidas num estudo anterior (Lopes, 2019). Neste estudo os participantes foram solicitados a gerar quatro histórias, em L1 ou em L2, sobre um amigo ou amiga que fossem estereotipicamente masculinos ou femininos (desejáveis ou indesejáveis). Estas descrições foram codificadas com base no *LCM* (Semin & Fidler, 1988) e de uma maneira geral mostraram que os comportamentos estereotípicos são descritos de forma mais abstrata, ou seja, com maior recurso a adjetivos (e.g., “A Maria é muito arrumada e organizada”) enquanto que os menos estereotípicos são descritos de forma mais concreta, ou seja, utilizam mais verbos de ação (e.g., “A Maria diz palavrões”). Com base nestas descrições seleccionámos quatro

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.cambridgeenglish.org/pt/test-your-english/adult-learners>.

textos em L1 e quatro textos em L2 que claramente apresentavam o padrão acima referido. Descrições relativas a um alvo feminino foram apresentadas a 87 participantes e descrições relativas a um alvo masculino foram apresentadas a 129 participantes.

Foram ainda utilizadas as medidas de Wigboldus et al. (2000). A primeira é composta por quatro questões, com o intuito de aceder às inferências dos participantes, isto é, pretendem averiguar que causas (disposicionais ou situacionais) os participantes utilizam para caracterizar um comportamento com base na informação que lhes é fornecida. Na primeira questão pediu-se aos participantes que estimassem a “percentagem (entre 1 e 100) de situações em que o indivíduo iria repetir o comportamento” (probabilidade de repetição). De seguida, apresentaram-se as questões “Em que medida o comportamento do indivíduo se deve à situação em que ele ou ela se encontram?” (atribuição situacional) e “Em que medida o comportamento do indivíduo se deve à sua própria personalidade?” (atribuição à personalidade), estas questões foram respondidas numa escala de Likert de sete pontos, em que 1 corresponde a “*nada*” e 7 a “*muito*”. Por fim, perguntava-se aos participantes “Em que medida o comportamento do indivíduo se deve à situação ou à personalidade?” (atribuição situação-pessoa), medida numa escala de situação (1) a personalidade (100).

O segundo conjunto de medidas engloba, quatro questões que foram utilizadas para realizar a verificação da manipulação de estereotipicalidade e desejabilidade do comportamento do alvo. Para cada texto foi pedido aos participantes que indicassem numa escala de Likert de sete pontos, em que 1 corresponde a “*nada*” e 7 a “*muito*”, em que medida consideram o comportamento estereotipicamente masculino, estereotipicamente feminino, desejável e indesejável (Wigboldus et al., 2000).

Por último, foi utilizado o BIF (Vallacher & Wegner, 1989) com o objetivo de averiguar se os participantes produzem respostas mais abstratas ou mais concretas. O BIF é composto por 25 itens, sendo que cada um deles descreve um comportamento. Para cada item existem duas opções de resposta: uma concreta e outra abstrata. A tarefa do participante consiste em selecionar a opção que para si melhor descreve aquele comportamento. Por exemplo, “Fazer uma lista.” pode ser descrito como “Tornar-se organizado” ou “Anotar coisas”, refletindo uma resposta mais abstrata ou mais concreta, respetivamente (Vallacher & Wegner, 1989). Os itens do BIF foram apresentados de forma aleatória aos participantes.

### *Procedimento*

O presente estudo foi conduzido de acordo com as regras éticas aprovadas pelo Comissão de Ética do ISCTE-IUL. O link para o questionário foi disseminado por diversas redes sociais e contactos pessoais, configurando uma amostra por conveniência

O estudo foi realizado através da plataforma online Qualtrics®. Ao acederem ao link os participantes recebiam o consentimento informado, que inclui informação acerca das condições de participação (ter mais de 18 anos, ter como língua materna o português europeu e ter um nível intermédio de língua inglesa), do anonimato dos dados, da possibilidade de desistir e da possibilidade de receber um resumo dos resultados.

Caso os participantes aceitassem participar, respondiam a questões sociodemográficas, nomeadamente, sexo, idade e qual a língua materna e ao teste de diagnóstico do nível de inglês. Os participantes que obtivessem 16 (correspondente ao nível *Cambridge English Preliminary Level*) ou mais pontos neste teste prosseguiam a realização do estudo em inglês. Segundo a Cambridge School participantes com este nível de proficiência em inglês possuem as competências linguísticas para um uso diário da língua. Caso contrário, os participantes completavam o estudo em L1.

Seguia-se a tarefa experimental que consistia na apresentação dos quatro textos de um alvo feminino ou masculino que descreviam 1) comportamentos estereotipicamente femininos desejáveis, 2) comportamentos estereotipicamente femininos indesejáveis, 3) comportamentos estereotipicamente masculinos desejáveis, 2) comportamentos estereotipicamente masculinos indesejáveis. Esta apresentação era aleatória. As descrições variavam também ao nível da abstração linguística. Especificamente, comportamentos estereotipicamente femininos de um alvo feminino e comportamentos estereotipicamente masculinos de um alvo masculino eram descritos de forma mais abstrata e comportamentos estereotipicamente femininos de um alvo masculino e comportamentos estereotipicamente masculinos de um alvo feminino apresentavam descrições mais concretas. Após cada texto eram aleatoriamente apresentadas as oito questões anteriormente descritas. Por último, os participantes respondiam às 25 questões do BIF.

## Resultados

### *Verificação da Manipulação*

Para verificar a manipulação da estereotipicidade e desejabilidade do comportamento do alvo foi realizada uma ANOVA de 2 (Estereotipicidade do Comportamento: feminino vs. masculino)  $\times$  2 (Desejabilidade do Comportamento: desejável vs. indesejável), intra-sujeitos  $\times$  2 (Sexo do Alvo: feminino vs. masculino)  $\times$  2 (Sexo do Participante: feminino vs. masculino)  $\times$  2 (Língua: português vs. inglês), entre-sujeitos, para cada uma das quatro descrições.

Quanto à estereotipicidade do comportamento, observou-se que as histórias estereotipicamente masculinas foram avaliadas como mais estereotipicamente masculinas ( $M = 3.77$ ,  $EP = 0.16$ ) do que as histórias estereotipicamente femininas ( $M = 2.94$ ,  $EP = 0.11$ ),  $F(1, 212) = 31.96$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .13$ . Da mesma forma, observou-se que as histórias estereotipicamente femininas foram avaliadas como mais estereotipicamente femininas ( $M = 4.13$ ,  $EP = 0.15$ ) do que as histórias estereotipicamente masculinas ( $M = 2.71$ ,  $EP = 0.12$ ),  $F(1, 212) = 80.60$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .28$ .

No que diz respeito à desejabilidade do comportamento do alvo, observou-se que histórias desejáveis foram avaliadas como mais desejáveis ( $M = 5.43$ ,  $EP = 0.11$ ) do que as indesejáveis ( $M = 2.66$ ,  $EP = 0.11$ ),  $F(1, 212) = 277.18$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .57$  e as histórias indesejáveis foram avaliadas como mais indesejáveis ( $M = 4.60$ ,  $EP = 0.12$ ) do que as desejáveis ( $M = 2.26$ ,  $EP = 0.11$ ),  $F(1, 212) = 178.13$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .46$ .

### *Testes às hipóteses*

Para as respostas aos itens de inferência disposicional foi construído um indicador global computado com base nas médias estandardizadas dos quatro julgamentos de inferência disposicional realizados para cada história. Com este propósito, a questão “Em que medida o comportamento do alvo se deve à situação em que ele/ela se encontrava” foi recodificada na direção da escala das restantes questões. Desta forma, valores mais elevados na escala global indicam atribuições mais fortes à personalidade e atribuições mais fracas à situação ( $\alpha = 0.65$ ).

Para testar as nossas hipóteses, foi realizada uma ANOVA  $2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2$  às classificações na escala de inferências disposicionais. A análise revelou o efeito esperado de interação entre o sexo do alvo e a estereotipicidade do comportamento,  $F(1,208) = 41.66$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .17$ , replicando assim os resultados do LEB (ver Tabela 1).

Efeitos principais simples revelaram que quando o comportamento apresentado era estereotipicamente masculino, foram feitas mais inferências disposicionais quando o comportamento estava associado a um alvo masculino ( $M = .146$ ,  $EP = .042$ ) do que quando estava associado a um alvo feminino ( $M = -.216$ ,  $EP = .044$ ),  $F(1,215) = 32.91$ ,  $p < .001$ . Do mesmo modo, quando o comportamento apresentado era estereotipicamente feminino foram feitas mais inferências disposicionais quando o sexo do alvo era feminino ( $M = .147$ ,  $EP = .050$ ) do que quando o sexo do alvo era masculino ( $M = -.053$ ,  $EP = .074$ ),  $F(1,130) = 5.29$ ,  $p = .02$ .

Assim, de acordo com as nossas hipóteses o maior grau de abstração linguística envolvido na descrição de comportamentos consistentes com a expectativa gerou mais inferências disposicionais ( $M = 0.15$ ,  $DP = 0.47$ ) do que comportamentos inconsistentes com a expectativa ( $M = -0.13$ ,  $DP = 0.45$ ). O efeito moderador da língua não foi significativo  $F(1,208) = 1.76$ ,  $p = .186$ . Por outras palavras, o LEB foi observado tanto em L1 como em L2.

Tabela 1

*Inferências Disposicionais em Função do Sexo do Alvo e da Estereotipicalidade do Comportamento do Alvo*

Sexo do alvo	Estereotipicalidade do comportamento	
	Estereotipicamente masculino	Estereotipicamente feminino
Masculino		
<i>M</i>	0.15	-0.22
<i>DP</i>	0.48	0.41
Feminino		
<i>M</i>	-0.05	0.15
<i>DP</i>	0.49	0.46

Verificou-se ainda um efeito de interação significativo entre estereotipicalidade do comportamento e língua,  $F(1,208) = 3.984$ ,  $p = .047$ ,  $\eta_p^2 = .019$ . Comparações planeadas revelaram que quando o comportamento descrito é estereotipicamente masculino, são feitas mais inferências disposicionais em L2 ( $M = .096$ ,  $SE = .051$ ) do que em L1 ( $M = -.0700$ ,  $SE = .043$ ),  $F(1,215) = 6.292$ ,  $p = .013$ . Quando o comportamento

descrito é estereotipicamente feminino, não existem diferenças entre línguas ao nível das inferências disposicionais,  $F(1,215) = 1.857, p = .174$ .

Finalmente e como esperado, verificou-se um efeito principal de Língua marginalmente significativo,  $F(1,208) = 3.55, p = .061, \eta_p^2 = .02$ . Este efeito sugere que em L2 os participantes tendem a fazer mais inferências disposicionais ( $M = .066, EP = .048$ ) do que em L1 ( $M = -.062, EP = .048$ ).

No que diz respeito ao BIF, uma ANOVA univariada revelou que não existem diferenças ao nível da quantidade de respostas abstratas dadas pelos participantes em L1 ( $M = 15.45, EP = .46$ ) e em L2 ( $M = 15.12, EP = .53$ ),  $F < 1$ .

### **CAPÍTULO III: DISCUSSÃO GERAL**

A utilização de uma segunda língua é um fenómeno cada vez mais recorrente. No entanto o processamento e a compreensão da informação em L1 e em L2 parecem ser distintos. Essas diferenças impactam as escolhas, os julgamentos e as decisões (e.g., Costa et al., 2017). Por outro lado, a própria utilização da linguagem encerra enviesamentos que podem afetar a percepção social (e.g., Masss et al., 1989; Wigboldus et al., 2000). Estes enviesamentos têm sido sistematicamente observados numa primeira língua, mas pouco se tem explorado acerca da sua emergência e das suas consequências numa segunda língua.

O presente trabalho procura explorar o processo de percepção social em L1 e L2, especificamente no que se refere às consequências comunicativas de informação linguisticamente enviesada na comunicação e manutenção de estereótipos sociais. Para tal, procuramos replicar conceptualmente Wigboldus et al., (2000; experiência 1; parte 2) e a sua extensão a L2. Os resultados mostraram, de uma forma geral, que os enviesamentos linguísticos que contribuem para a conservação de estereótipos sociais também se observam numa segunda língua.

Especificamente, a nossa primeira hipótese postulava que diferenças na abstração linguística decorrentes da consistência entre a expectativa acerca do alvo e o seu comportamento deveriam influenciar as inferências que o participante faz acerca do mesmo (replicação de Wigboldus et al., 2000). Esta hipótese foi confirmada, ou seja, um maior grau de abstração linguística envolvido na descrição de comportamentos consistentes com a expectativa conduziu a inferências disposicionais mais fortes do que as mensagens inconsistentes com a expectativa. Este resultado sugere que as variações linguísticas associadas ao grau de abstração, desempenham um papel fulcral na transmissão e manutenção de estereótipos. Tanto quanto sabemos, esta constitui a primeira demonstração deste efeito na língua portuguesa o que reforça a robustez dos resultados anteriores e a generalidade do efeito.

Adicionalmente, neste trabalho procuramos explorar se o efeito anteriormente descrito se estendia a uma segunda língua. Mais uma vez a nossa hipótese foi confirmada, ou seja, as variações linguísticas associadas ao grau de abstração foram observadas em L2. Este resultado é, a nosso entender, particularmente importante. Por uma lado, e atendendo às diferenças no processamento emocional entre uma língua nativa e uma

segunda língua, e às suas consequências para processos de tomada de decisão ou julgamentos morais, sobejamente descritas na literatura, seria possível que o LEB não se observasse em L2. No entanto, observou-se que o efeito das variações do grau de abstração das mensagens se estende a uma segunda língua. Neste sentido, e embora L2 promova decisões mais racionais (Favreau & Segalowitz, 1983; Keysar et al., 2012) e escolhas morais mais utilitárias (Costa et al., 2014, 2017), os resultados do presente estudo sugerem que L2 não é imune aos enviesamentos linguísticos descritos no LEB. Por outras palavras, a comunicação em L2 não parece constitui um fator impeditivo ou atenuante da emergência e comunicação de estereótipos por via de enviesamentos linguísticos.

Finalmente, com base na proposta de que L2 tende a ser mais abstrata que L1 (Fujita et al., 2006; Hayakawa et al., 2016), esperavam-se mais inferências disposicionais em L2 do que em L1. Os resultados obtidos tendem a sustentar esta hipótese uma vez que em L2 os participantes fazem marginalmente mais inferências disposicionais. Este padrão de resultados sugere que, em alguns casos, nomeadamente quando os comportamentos dos alvos são consistentes com o estereótipo, a comunicação em L2 tenderá a acentuar os mesmos. No entanto, a realização de mais inferências disposicionais também se observa quando os comportamentos são inconsistentes com o estereótipo pelo que, nestes casos, a utilização de L2 poderá contribuir para os atenuar.

### **Limitações e Pistas de Investigação Futura**

Os resultados obtidos no presente trabalho oferecem algumas evidências que permitem clarificar as questões inicialmente colocadas. Contudo, o presente estudo não está isento de limitações.

Em primeiro lugar, a amostra apresenta algum desequilíbrio no que respeita a língua no qual os questionários são respondidos e ao sexo do alvo apresentado. Mais indivíduos responderam à tarefa em L1 do que em L2 e para um alvo masculino do que feminino. Estudos futuros poderão tentar obter amostras mais equilibradas em termos de língua assim como uma distribuição mais equitativa dos participantes pelas várias condições.

Por outro lado, e como supracitado, o inglês está frequentemente presente no dia a dia dos portugueses, identificando-se elevada proficiência na língua, o que em termos de processamento e de julgamento a aproxima de L1 (e.g., Eilola, Havelka, & Sharma,

2007. Este facto poderá minimizar as diferenças que procuramos explorar. Investigação futura poderá utilizar outras línguas não nativas que não estejam tão presentes no quotidiano dos participantes como é o caso da língua inglesa.

Finalmente, no presente trabalho recorreu-se ao sexo do alvo para estudar a perceção social. Futuras linhas de investigação poderiam procurar perceber de que forma o viés linguístico se estende a outras dimensões da perceção social além dos estereótipos de género de forma a reforçar a generalização do efeito.

### **Conclusão**

Atualmente, as pessoas utilizam frequentemente uma segunda língua para comunicar nos mais diversos contextos, desde o académico e profissional ao social. A literatura aponta para o facto de L2 ter uma menor intensidade emocional, eventualmente por ter sido adquirida em períodos mais avançados da vida (e.g., Caldwell-Harris 2015; Pavlenko, 2012). Esta menor emocionalidade promove decisões mais racionais, e julgamentos mais utilitários alegadamente por permitir um maior distanciamento da processos intuitivos frequentemente associados às experiências emocionais (e.g., Costa et al., 2017). Contudo, os resultados do presente estudo sugerem que estas diferenças não se observam em alguns aspetos da perceção e julgamento social mostrando especificamente que uma segunda língua está suscetível à transmissão de estereótipos associados a enviesamentos linguísticos.

Não obstante, o presente estudo não esgota o estudo das diferenças entre L1 e L2 no contexto da perceção social que deverão continuar a ser estudadas com recurso a diferentes paradigmas, em diferentes contextos e com diferentes línguas.

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, C. (2016). *Social cognitive consequences of differences in the emotional grounding of concepts: The role of embodiment*. (Doctoral dissertation, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa).
- Baldus, B., & Tribe, V. (1978). The development of perceptions and evaluations of social inequality among public school children. *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*, 15(1), 50–60. <https://doi.org/10.1111/j.1755-618X.1978.tb00570.x>
- Bloom, L., & Beckwith, R. (1989). Talking with feeling: Integrating affective and linguistic expression in early language development. *Cognition & Emotion*, 3(4), 315–342. <https://doi.org/10.1080/02699938908412711>
- Bond, M. H., & Lai, T. M. (1986). Embarrassment and code-switching into a second language. *The Journal of Social Psychology*, 126(2), 179–186.
- Caldwell-Harris, C. L. (2014). Emotionality differences between a native and foreign language: theoretical implications. *Frontiers in Psychology*, 5. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01055>
- Caldwell-Harris, C. L. (2015). Emotionality differences between a native and foreign language: Implications for everyday life. *Current Directions in Psychological Science*, 24(3), 214–219. <https://doi.org/10.1177/0963721414566268>
- Colbeck, K. L., & Bowers, J. S. (2012). Blinded by taboo words in L1 but not L2. *Emotion*, 12(2), 217–222. <https://doi.org/10.1037/a0026387>
- Costa, A., Foucart, A., Hayakawa, S., Aparici, M., Apesteguia, J., & Heafner, J. (2014). Your morals depend on language. *PLoS ONE*, 9(4), e94842. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0094842>
- Costa, A., Vives, M. L., & Corey, J. D. (2017). On language processing shaping decision making. *Current Directions in Psychological Science*, 26(2), 146–151. <https://doi.org/10.1177/0963721416680263>
- Eilola, T. M., Havelka, J., & Sharma, D. (2007). Emotional activation in the first and second language. *Cognition & Emotion*, 21(5), 1064–1076. <https://doi.org/10.1080/02699930601054109>

- Favreau, M., & Segalowitz, N. (1983). Automatic and controlled processes in the first- and second-language reading of fluent bilinguals. *Memory & Cognition*, *11*, 565–574. <https://doi.org/10.3758/bf03198281>
- Fujita, K., Henderson, M. D., Eng, J., Trope, Y., & Liberman, N. (2006). Spatial distance and mental construal of social events. *Psychological Science*, *17*(4), 278–283. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2006.01698.x>
- Garrido, M. V., & Prada, M. (2018). Comparing the valence, emotionality and subjective familiarity of words in a first and a second language. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/13670050.2018.1456514>
- Gawinkowska, M., Paradowski, M. B., & Bilewicz, M. (2013). Second language as an exemptor from sociocultural norms. Emotion-related language choice revisited. *PLoS ONE*, *8*(12), e81225. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0081225>
- Geipel, J., Hadjichristidis, C., & Surian, L. (2015). How foreign language shapes moral judgment. *Journal of Experimental Social Psychology*, *59*, 8–17. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2015.02.001>
- Gonzalez-Regiosa, F. (1976). The Anxiety Arousing Effect of Taboo Words in Bilinguals. In C. D. Spielberger & R. Diaz-Guerrero, *Cross-Cultural Anxiety* (pp. 89–105), Washington DC: Hemisphere.
- Hayakawa, S., Costa, A., Foucart, A., & Keysar, B. (2016). Using a foreign language changes our choices. *Trends in Cognitive Sciences*, *20*(11), 791–793. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2016.08.004>
- Keysar, B., Hayakawa, S. L., & An, S. G. (2012). The foreign-language effect: Thinking in a foreign tongue reduces decision biases. *Psychology Science*, *23*(6), 661–668. <https://doi.org/10.1177/0956797611432178>
- Lopes, K. S. (2019). Comunicação de estereótipos em bilingues de Português Europeu (L1) e de Inglês (L2). (Master's thesis, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa).
- Maass, A., Ceccarelli, R., & Rudin, S. (1996). Linguistic intergroup bias: Evidence for in-group-protective motivation. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*, 512–526. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.71.3.512>

- Maass, A., Milesi, A., Zabbini, S., & Stahlberg, D. (1995). Linguistic intergroup bias: Differential expectancies or in-group protection? *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 116-126. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.116>
- Maass, A., Montalcini, F., & Biciotti, E. (1998). On the (dis-)confirmability of stereotypic attributes. *European Journal of Social Psychology*, 28, 383-402. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199805/06\)28:3<383::AID-EJSP870>3.0.CO;2-Q](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199805/06)28:3<383::AID-EJSP870>3.0.CO;2-Q)
- Maass, A., Salvi, D., Arcuri, L., & Semin, G. (1989). Language use in intergroup contexts: The linguistic intergroup bias. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 981-993. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.981>
- Marian, V., & Kaushanskaya, M. (2008). Words, feelings, and bilingualism. *The Mental Lexicon*, 3(1), 72-90. <https://doi.org/10.1075/ml.3.1.06mar>
- Pavlenko, A. (2012). Affective processing in bilingual speakers: Disembodied cognition? *International Journal of Psychology*, 47(6), 405-428. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/00207594.2012.743665>
- Pavlenko, A. (2008). Emotion and emotion-laden words in the bilingual lexicon. *Bilingualism: Language and Cognition*, 11(2), 147-164. <https://doi.org/10.1017/S1366728908003283>
- Ruscher, J. B., & Duval, L. L. (1998). Multiple communicators with unique target information transmit less stereotypical impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 329-344. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.74.2.329>
- Semin, G. R. (2000). Communication: language as an implementational device for cognition. *European Journal of Social Psychology*, 30, 595-612. [https://doi.org/https://doi.org/10.1002/1099-0992\(200009/10\)30:5<595::AID-EJSP23>3.0.CO;2-A](https://doi.org/https://doi.org/10.1002/1099-0992(200009/10)30:5<595::AID-EJSP23>3.0.CO;2-A)
- Semin, G. R., & de Poot, C. J. (1997). You might regret it if you don't notice how a question is worded? *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 472-480. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.73.3.472>
- Semin, G. R., & Fiedler, K. (1988). The cognitive functions of linguistic categories in describing persons: Social cognition and language. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(4), 558-568. doi:10.1037/0022-3514.54.4.558

- Semin, G., & Fiedler, K. (1992). The inferential properties of interpersonal verbs. In G. R. Semin & K. Fiedler (Eds.), *Language, interaction and social cognition* (pp. 58-78). Newbury Park, CA: Sage.
- Semin, G., & Fiedler, K. (1991). The linguistic category model, its bases, applications and range. *European Review of Social Psychology*, 2, 1-30. <https://doi.org/10.1080/14792779143000006>
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. S. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Vallacher, R. R., & Wegner, D. M. (1989). Levels of personal agency: Individual variation in action identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(4), 660–671. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.57.4.660>
- Wigboldus, D. H. J., Semin, G. R., & Spears, R. (2000). How do we communicate stereotypes? Linguistic bases and inferential consequences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 5–18. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.78.1.5>